

LUX JORNAL Diário de Cuiabá – Cuiabá - MT Publicado: 25/02/2001	190		
		121	1

Relações variam conforme interesse

Passagem dos Kaiabis por Tabaporã, no norte do Estado, mostra como pode ser a convivência



CARLA PIMENTEL
Enviada a Tabaporã

Guerra em campo. De um lado, índios dispostos a atacar. De outro, brancos decididos a não perder a disputa. Quem imagina que esta é uma descrição do bloqueio da via de acesso ao Rio dos Peixes, no município de Tabaporã (a 700 quilômetros de Cuiabá), que criou um impasse entre fazendeiros e Kaiabis há dez dias, engana-se: trata-se de uma partida de futebol, disputada entre o time visitante e moradores locais, às vésperas da reunião com a Funai, que dissolveria o impasse.

As relações entre brancos e índios é variável. Tabaporã foi uma vitrine disso, por ter sido palco de três comportamentos distintos. O primeiro – e mais evidente - foi estabelecido pelos fazendeiros e madeireiros, que deixaram claro o olhar sobre o índio como persona non grata na região. A opinião foi materializada pelos caminhões, toras e homens que mantiveram o bloqueio.

Outras manifestações são mais sutis. Nas rodas de conversa que multiplicaram-se durante os quatro dias de permanência dos Kaiabis na cidade, parte da população não chegava a combater os índios, mas também não via dividendos na possível retomada de terras pela população nativa. “Índios não trabalham”, “não geram riquezas”, “não pagam impostos”; esses eram alguns dos comentários que circulavam de boca em boca.

Mas outras reações, menos discretas, movimentaram a cidade. Longe das disputas por terras que mantiveram o clima de tensão durante a permanência dos Kaiabis, uma fatia da população não arredou pé do galpão da igreja, onde o grupo esteve hospedado. Transformado em “ponto turístico”, o local foi sede de interação entre índios e brancos, que não esconderam a curiosidade em relação à cultura indígena. Eram trabalhadores rurais assentados, funcionários de fazendas e serrarias, donas de casa, crianças, que fizeram um novo “cerco” aos índios – movidos não pela luta pela terra, mas pela curiosidade.

“Isso revela que não existe uma realidade monolítica”, opina a doutora em Antropologia e especialista em relações étnicas, Edir Pina de Barros, da Universidade Federal de Mato Grosso. “As relações são diversas porque não nascem do vazio – elas estão sempre relacionadas a um jogo de interesses”, completa.

O espaço que as pessoas ocupam em sociedade, para a antropóloga, é definidora dessas relações. A existência – ou não – de competição entre os grupos é a base sobre a qual se passa a enxergar o outro. A seu ver, a inesperada chegada dos Kaiabis colocou em cheque o sistema de apropriação de terras, tirando o sono dos fazendeiros locais. “Formou-se um impasse em torno da propriedade territorial, quebrando um jogo que, até então, se sustentava”. Ela acrescenta que a tendência, nesses casos, é de formação de aliança entre os fazendeiros, contra a ameaça que, para o grupo, os índios significam.

“Mas outra parte da população não perde nada com isso”, lembra Edir Pina, referindo-se principalmente a comerciantes e outras fatias da sociedade que, por não ter terras, não são diretamente afetadas por uma possível vizinhança com os Kaiabis. Nesse caso, segundo ela, o preconceito histórico – que é próprio da população brasileira – toma a frente no estabelecimento das relações.

LUX JORNAL

Diário de Cuiabá – Cuiabá - MT

Publicado: 25/02/2001

	121	1

“São pessoas que não competem por espaço com os Kaiabis, mas reproduzem estigmas colados historicamente à categoria genérica de ‘índio’”, afirma a antropóloga. Esses “estigmas” são repetidos e absorvidos pela população: o índio preguiçoso ou vagabundo são imagens que, para a professora, refletem esse preconceito. “São 500 anos de discurso anti-indígena”, completa.

“É comum se falar que os índios não serviam nem para ser escravizados. Mas, entre os séculos XV e XVIII, a mão-de-obra indígena foi utilizada em várias partes do país. Eram os chamados ‘negros da terra’”, exemplifica Edir Pina.

Já a simpatia às questões indígenas geralmente espalha-se entre os jovens. Mas também há posseiros e outras camadas da população – também “deserdadas” - que acabam identificando-se com a causa, chegando a aliar-se aos índios em algumas situações de crise. “Um exemplo disso foi a formação de quilombos, que abrigavam negros e índios”, diz a antropóloga.

Outro olhar sobre os índios é aquele capaz de enxergá-los como uma população ingênua, pacífica, sem conflitos – o que revela, às avessas, outro tipo de preconceito. Edir Pina exemplifica que, no Rio de Janeiro, essa imagem é muito comum, por ser uma região distante dos problemas reais que envolvem a questão indígena. Longe da realidade, prevalece o glamour.

LUX JORNAL Diário de Cuiabá – Cuiabá - MT Publicado: 25/02/2001			
		121	1

Grupo queria rever área original

Enviada a Tabaporã

A maratona dos 48 Kaiabis em Tabaporã começou no último dia 12, quando saíram do Parque Indígena do Xingu, com a intenção de visitar a área originalmente ocupada pela etnia. O destino final da viagem deveria ser as margens do rio dos Peixes e do rio Batelão, mas a missão foi interrompida pelo bloqueio da estrada vicinal que dá acesso à região.

O grupo – formado por homens, mulheres e crianças – chegou à sede do município no final da tarde do dia 13, em um ônibus fretado. Obviamente, os visitantes não passaram despercebidos na cidade: um círculo de curiosos formou-se em torno do grupo. Dali por diante, a chegada dos índios iria monopolizar as conversas locais, e boatos se espalhariam aos quatro ventos (ver matéria nesta página).

Alojados no galpão da igreja, os Kaiabis retomaram a viagem na manhã seguinte, mas o trajeto foi interrompido na metade dos 38 quilômetros de estrada que os levariam à margem do rio. Um bloqueio – feito com dois tratores, dois caminhões e uma caminhonete – instalado na entrada da fazenda Marcisa, emperrou o caminho. De um lado, funcionários das fazendas mantinham o cerco. De outro, os índios esperavam uma saída ao redor do ônibus, sem a intenção de ceder. Estava formado o impasse.

Um grupo de lideranças Kaiabis, em reunião com o prefeito, Rogério Riva, concordou em retornar para o galpão, desde que uma missão da Fundação Nacional do Índio (Funai) se comprometesse a deslocar-se até a região, a fim de dissolver o problema.

Depois que os índios voltaram à sede do município, acirrou-se o clima de “guerra”: o bloqueio, que anteriormente estava instalado na metade do caminho que leva ao rio, foi deslocado para o início da via, logo na saída da cidade. Sequências de caminhões atravessados pela estrada bloqueavam a passagem de maneira mais ostensiva e, no aeroporto local, um barracão foi armado, abrigando centenas de homens prontos a impedir a passagem do grupo. Outra rodovia, que levava a Juara, também foi bloqueada por toras, deixando uma única saída na cidade.

Na expectativa de chegada da missão da Funai, uma reunião foi organizada na Câmara Municipal, com a participação de índios e brancos. Nos bancos da esquerda, sentaram-se homens e mulheres Kaiabis. Do outro lado, reuniram-se fazendeiros, comerciantes e curiosos, que passaram a manhã e o início da tarde à espera da reunião.

O proprietário da fazenda Marcisa, Hélio Cardoso Alves Filho – que recusou-se a revelar à imprensa a extensão total de suas terras - chegou de Minas Gerais à tarde, mas o encontro entre as duas partes não durou mais do que cinco minutos: o proprietário e as lideranças Kaiabis concordaram que nada poderia ser resolvido antes da chegada da Funai.

Mas a equipe – formada pelo administrador executivo do órgão em Mato Grosso, Ariovaldo José dos Santos, pelo procurador federal da Funai, Cezar Augusto Lima do Nascimento e pelo indigenista José Eduardo Costa – chegou apenas no começo da noite seguinte. Depois de apresentar-se aos Kaiabis e participar de uma longa conversa com fazendeiros e autoridades locais, a missão fechou acordo com os índios: eles permaneceriam na aldeia Tatuy, de seus parentes de Juara, aguardando providências legais. Enquanto isso, se iniciaria o processo de formação de um Grupo Técnico (GT), que terá como meta a realização de estudos na área, para a viabilização da demarcação das terras. (CP)

LUX JORNAL

Diário de Cuiabá – Cuiabá - MT

Publicação: 25/02/2001

	121	1

Pajé previu o bloqueio

Enviada a Tabaporã

A índia Cunhanyup acendeu um cigarro e saiu pela estrada, falando palavras incompreensíveis. Soltando a fumaça em ritmo compassado, afastou-se do grupo e sentou-se, concentrada, na beira da estrada. Estava afastando os maus espíritos, enquanto o resto do grupo permanecia ao redor do ônibus, na estrada bloqueada pelos fazendeiros, debaixo do sol de meio-dia.

Cunhanyup é a mulher mais velha do grupo e, também, a mais poderosa: pajé entre os Kayabis, detém poderes sobrenaturais de cura e adivinhação. A “conversa” com os espíritos, sob a tensão do bloqueio da estrada, buscava proteção contra possíveis embates com os fazendeiros.

Os sonhos são o elo de ligação entre o mundo real e dos espíritos. Segundo Cunhanyup, ela já havia sonhado com o bloqueio e a espera na rodovia. A mensagem não trazia boas notícias: no desfecho do caso, de acordo com o sonho, haveria morte. “Mas um espírito, que está aqui, já me avisou que eles estão trabalhando para que não tenha problemas. Não vai acontecer nada de mau” – previu ela, em sua língua tupi, traduzida por um Kayabi mais novo.